

CONTRIBUIÇÕES DE ALTIVA PILATTI BALHANA PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA REGIONAL NO BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE (1958-1969)

CONTRIBUCIONES DE ALTIVA PILATTI BALHANA A LA ESCRITURA DE LA HISTORIA REGIONAL EN EL BOLETÍN DEL INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO Y ETNOGRÁFICO DE PARANÁ (1958-1969)

CONTRIBUTIONS BY ALTIVA PILATTI BALHANA TO THE WRITING OF REGIONAL HISTORY IN THE BULLETIN OF THE HISTORICAL, GEOGRAPHICAL, AND ETHNOGRAPHIC INSTITUTE OF PARANÁ (1958-1969)

BOGO, MEG MONIQUE MARIA DIAS

Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
E-mail: meg.dias@unesp.br

RESUMO

O artigo investiga as contribuições de Altiva Pilatti Balhana para a escrita da história regional, com ênfase nos estudos publicados no Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Os textos “Inserção do homem no quadro ecológico” (1958) e “Formação da População Paranaense” (1969) representam diferentes momentos de sua trajetória intelectual e refletem transformações significativas tanto em sua prática historiográfica quanto no desenvolvimento do campo da história no ambiente universitário do Paraná. Produzidos entre o período anterior à criação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (1959) e o processo de consolidação da Linha de Pesquisa em História Demográfica (1969), esses estudos acompanham a afirmação do Dehis como referência nacional na produção historiográfica e na implantação do programa de pós-graduação na década de 1970. Entre 1969 e 1971, Altiva Balhana exerceu o cargo de secretária do IHGEP, vindo a ocupar a vice-presidência entre 1975 e 1977. As leituras do corpus documental apontam para importantes inovações teóricas e metodológicas em sua escrita, reafirmando a relevância de sua contribuição para a atualização da historiografia regional.

PALAVRAS-CHAVE: História regional; Altiva Balhana; Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense.

RESUMEN

El artículo investiga las contribuciones de Altiva Pilatti Balhana a la escritura de la historia regional, con énfasis en los estudios publicados en el Boletín del Instituto Histórico, Geográfico y Etnográfico Paranaense. Los textos «Inserção do homem no quadro ecológico» (1958) y «Formação da População Paranaense» (1969) representan diferentes momentos de su trayectoria intelectual y reflejan transformaciones significativas tanto en su práctica historiográfica como en el desarrollo del campo de la historia en el ámbito universitario de Paraná. Producidos entre el período anterior a la creación del Departamento de Historia de la Universidad Federal de Paraná (1959) y el proceso de consolidación de la Línea de Investigación en Historia Demográfica (1969), estos estudios acompañan la afirmación de Dehis como referencia nacional en la producción historiográfica y en la implantación del programa de posgrado en la década de 1970. Entre 1969 y 1971, Altiva Balhana ocupó el cargo de secretaria del IHGEP, llegando a ocupar la vicepresidencia entre 1975 y 1977. Las lecturas del corpus documental apuntan a importantes innovaciones teóricas y metodológicas en su escritura, reafirmando la relevancia de su contribución a la actualización de la historiografía regional.

PALABRAS CLAVES: Historia regional; Altiva Balhana; Instituto Histórico, Geográfico y Etnográfico de Paraná.

ABSTRACT

The article investigates Altiva Pilatti Balhana's contributions to regional history writing, with an emphasis on studies published in the Bulletin of the Historical, Geographical, and Ethnographic Institute of Paraná. The texts "Inserção do homem no quadro ecológico" (The Insertion of Man into the Ecological Framework) (1958) and "Formação da População Paranaense" (The Formation of the Population of Paraná) (1969) represent different moments in her intellectual trajectory and reflect significant transformations both in her historiographical practice and in the development of the field of history in the university environment of Paraná. Produced between the period prior to the creation of the History Department at the Federal University of Paraná (1959) and the consolidation of the Demographic History Research Line (1969), these studies accompany Dehis' affirmation as a national reference in historiographical production and in the implementation of the graduate program in the 1970s. Between 1969 and 1971, Altiva Balhana held the position of secretary of the IHGEP, going on to occupy the vice-presidency between 1975 and 1977. Readings of the documentary corpus point to important theoretical and methodological innovations in her writing, reaffirming the relevance of her contribution to the updating of regional historiography.

KEYWORDS: Regional history; Altiva Balhana; Historical, Geographical, and Ethnographic Institute of Paraná.



INTRODUÇÃO

O Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaenseⁱ consolidou-se como um espaço social privilegiado para a produção e difusão da história regional, funcionando também como observatório das redes de sociabilidades intelectuais no Paranáⁱⁱ. Mesmo após a separação dos cursos de História e Geografia, em 1955ⁱⁱⁱ, e a criação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, em 1959^{iv} — marcos decisivos no processo de profissionalização da disciplina e da atuação dos historiadores —, o Instituto manteve-se como um importante ambiente de trânsito intelectual e interlocução acadêmica. Historiadores universitários continuaram a publicar seus trabalhos em seus boletins, compartilharam referências teóricas e metodológicas e estabeleceram vínculos duradouros com a pesquisa histórica desenvolvida no estado.

Nesse contexto, compreender a produção intelectual vinculada ao Instituto exige uma abordagem que considere sua inserção nos processos históricos e conjunturais mais amplos — em níveis regional, nacional e internacional. O estado da arte desta pesquisa implica, portanto, articular o processo de profissionalização dos intelectuais às redes que estruturam o campo historiográfico, compreendendo a historiografia como um campo em constante transformação, tensionado por dinâmicas múltiplas.

Torna-se, assim, indispensável considerar a circulação de ideias e o engajamento dos historiadores nas transformações de seu tempo^v. As transferências culturais e as apropriações intelectuais devem ser compreendidas como processos dinâmicos e multifacetados^{vi}. Mais do que o simples deslocamento de bens simbólicos entre diferentes espaços, trata-se de interações complexas que envolvem reelaborações, ressignificações e adaptações. São essas interações que configuram, de forma contínua, os sentidos compartilhados entre diferentes realidades culturais e tornam possível a construção de tradições historiográficas conectadas às experiências locais e globais.

O esforço de renovação do Instituto e a retomada das publicações de seu periódico a partir de 1950^{vii}, foram ações coordenadas pelo Conselho da Presidência e esteve inserida no contexto local das celebrações pelo cinquentenário da instituição (1950) e pelo centenário da emancipação político-administrativa do Paraná (1953). Essas datas comemorativas serviram como catalisadoras para a mobilização de instituições culturais de modo a fomentar a valorização da produção histórica local/regional. No caso do instituto paranaense, destacou-se o engajamento de novos sócios, em especial professores vinculados ao curso de História e Geografia da Universidade do Paraná, cuja atuação promoveu uma reaproximação entre o Instituto e os debates acadêmicos em curso. Essa interlocução, que se intensificou ao longo da década de 1950, contribuiu decisivamente para a reconfiguração da escrita da história dentro do Instituto, aproximando-a de referenciais teóricos e metodológicos mais atualizados, em sintonia com transformações observadas no campo historiográfico nacional.

A década de cinquenta do século XX marca a adesão do instituto paranaense à uma história produzida pelos novos sócios e sócias advindos do campo universitário, o que pode ser verificado nos textos publicados no *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* e que serão aqui analisados. É importante destacar que a aproximação entre o Instituto e a universidade gerou benefícios mútuos. De um lado, o Departamento de História passou a contar com o capital social e simbólico de instituições culturais consolidadas, como o IHGEP, para legitimar e dar maior alcance ao discurso regional formulado por seus sócios. De outro, o Instituto fortaleceu suas alianças com a universidade e incorporou, entre as narrativas de história regional que difundia, a produção historiográfica acadêmica em ascensão, especialmente os estudos voltados à formação da população paranaense à luz dos princípios da demografia histórica. Essa interlocução representou para o IHGEP contribuição decisiva para a renovação dos estudos sobre a história regional do Paraná. O *status* do periódico do IHGEP era, assim, legitimado por agentes inseridos no campo da história enquanto disciplina institucionalizada, o que reforça a perspectiva de Pierre Bourdieu (2011), segundo o qual é no embate entre instituições acadêmicas diferentes, e por meio das performatividades do sujeito acadêmico-universitário, que se revelam as múltiplas formas de sociabilidade do *homo academicus*^{viii} e as estratégias de consagração no campo científico.

A atuação dos historiadores “profissionais”, advindos do espaço universitário, no âmbito do instituto paranaense, é confirmada neste capítulo a partir das publicações de estudos no *Boletim do IHGEP*, realizados pela Professora Altiva Pilatti Balhana^{ix}. Os textos “Inserção do homem no quadro ecológico” (1958) e “Formação da População Paranaense” (1969) refletem diferentes fases da sua trajetória profissional, versões distintas de suas experiências historiográficas e também dizem do desenvolvimento do campo da história no espaço universitário. Essas produções ilustram a incorporação progressiva de referenciais metodológicos mais sofisticados à escrita da história, como os da demografia histórica, e demonstram o esforço de articulação entre história regional e renovação historiográfica, ancorado na



interlocução entre universidade e instituto. Nesse sentido, Balhana atua como figura-chave na mediação entre duas instâncias de produção do saber histórico, contribuindo para a legitimação acadêmica de temas e abordagens até então negligenciados pela historiografia tradicional.

A proposta consiste em ler os textos aqui reunidos em sua historicidade, ou seja, “devolvê-los ao tempo em que foram produzidos, alargando, dessa forma, os sentidos de uma disciplina que possui ela mesma a sua história”^x. Além disso, considerados os periódicos e o próprio Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense como espaços de sociabilidades e da prática histórica, tem-se a constituição de relações sociais estabelecidas entre intelectuais e suas produções como um meio capaz de tornar simbólicos estes espaços, tornando-os basilares na fundamentação do processo histórico e social da escrita da história local e regional. Neste caso, é importante considerar o lugar social de onde se enuncia a escrita da história aqui analisada, pois, como ensinou Michel de Certeau, “todo sistema de pensamento está referido a lugares sociais, econômicos, culturais, etc.”^{xi}, e, assim, não existem considerações capazes de suprimir a peculiaridade do lugar de onde se fala.

Os estudos publicados por Altiva Balhana e analisados nesse estudo situam-se entre o período anterior à criação do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná — Dehis/UFPR (1959)⁷ e o contexto de consolidação da Linha de Pesquisa em História Demográfica (1969), fundamental para que o Dehis se firmasse como um centro de difusão da produção historiográfica para todo o estado e país, bem como para o estabelecimento, na UFPR, do programa de Mestrado em História na década de 1970⁸. A realização desse estudo é, portanto, uma possibilidade de demonstrar como a historiografia produzida por Altiva Balhana articula-se com outros espaços de produção científica como o Instituto Histórico e Geográfico e Etnográfico Paranaense, instituição de destaque na divulgação de narrativas voltadas à construção de uma história regional.

PRIMEIRA PUBLICAÇÃO (1958): FASE GEOHISTÓRICA

Após conquistar a função de professora assistente no curso de História e Geografia da Universidade do Paraná^{xii}, Altiva Pilatti Balhana tornou-se, desde outubro de 1957^{xiii}, sócia do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense (IHGEP), localizado em Curitiba, confirmando a relação direta entre os professores do quadro de docentes da Universidade e o Instituto daquela localidade^{xiv}. Um ano depois da sua filiação, num contexto em que o campo da história iniciava o seu processo de autonomia no espaço universitário^{xv} e imprimia-se uma nova dinâmica profissional ao ofício, teve o seu texto, “Inserção do homem no quadro ecológico”^{xvi}, selecionado para publicação no *Boletim* do IHGEP, pela redatora Marília Duarte Nunes^{xvii}. Naquela altura, além de publicarem no periódico, alguns docentes universitários, como sócios, também ocupavam funções na diretoria do instituto local. Fato é que entre 1955 e 1957, enquanto o Professor Brasil Pinheiro Machado desempenhava a função de 1.º vice-presidente, a Professora Cecília Maria Westphalen ocupou o cargo de 2.ª Secretária do IHGEP, o que demonstra o destaque que esses novos sócios passaram a ter na vida do instituto paranaense.

O primeiro texto de Altiva Balhana publicado no *Boletim do IHGEP* foi “Inserção do homem no quadro ecológico”. O material circulou no volume VII, fascículo 3-4, correspondente a julho-dezembro de 1957^{xviii}, com 68 páginas, e foi impresso pela Papelaria Requião em 1958^{xix}. O exemplar foi publicado em Curitiba quando o Instituto ainda se abrigava nas dependências do Centro de Estudos Bandeirantes (CEB), na rua Quinze de Novembro, 1050. O feito foi realizado durante o exercício da diretoria composta por Dr. Aluizio França (presidente), Dr. Brasil Pinheiro Machado (1º Vice-Presidente), Antônio Batista Ribas (2º Vice-Presidente), Prof. Oldemar Blasi (3º Vice-Presidente), Dr. José Pereira Macedo (1º Secretário), Profa. Cecília Maria Westphalen (2º Secretária) e Dr. Carlos Stellfeld (Tesoureiro), figuras representativas do ambiente político e universitário local.

A presença de algumas dessas figuras na diretoria do Instituto reforça o caráter de articulação entre o campo acadêmico e as instituições culturais, especialmente para as questões de identidade regional, revelando a aproximação do processo de profissionalização dos intelectuais às redes que estruturam o campo historiográfico. O contexto institucional em que se insere esse exemplar revela uma conjuntura de valorização da produção intelectual voltada à história, à geografia e à etnografia do Paraná, alinhada a um projeto de fortalecimento das narrativas regionais por meio da legitimação acadêmica. A inserção de Altiva Balhana nesse circuito editorial evidencia não apenas sua atuação como pesquisadora universitária, mas também sua interlocução com um espaço institucional que buscava se renovar por meio da incorporação de novos referenciais teóricos e metodológicos, como aqueles mobilizados por ela em sua abordagem geohistórica.



A publicação do exemplar foi oportunidade para divulgar as atividades realizadas pelos professores licenciados pela FFCL-UP durante um Curso de Extensão Cultural promovido, em maio de 1957, pelo Departamento de Geografia e História do Colégio Estadual do Paraná, instituição referência de ensino na capital paranaense^{xx}. Destinado a professores de Geografia e História do ensino secundário, o curso teve como tema “Estudos Paranaenses”, e foi ministrado por docentes licenciados pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná. Ressalte-se, ainda, que o Colégio desempenhava papel central na formação do corpo docente da Faculdade e da Universidade, uma vez que muitos de seus professores eram recrutados para integrar o magistério superior^{xxi}, incluindo-se a própria Balhana, que por lá lecionou entre 1952-1957^{xxii}.

O Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense associou-se a esta iniciativa, publicando na referida edição do *Boletim*, alguns dos trabalhos apresentados ao longo daquela atividade^{xxiii}. Além do texto de Altiva Balhana, outros trabalhos apresentados no Curso de Extensão Cultural publicados no referido *Boletim* foram: “Sinopse da Geologia do Estado do Paraná”, dos geógrafos João José Bigarella e Riad Salamuni; “Estado do Paraná: aspectos geo-econômicos”, de Arthur Barthelme; “Paraná-Zona de Trânsito”, da historiadora Cecília Maria Westphalen e “Aspectos da Literatura Brasileira no Paraná”, de Adelaide Mattana Villa^{xxiv}. Assim, o *Boletim* reúne trabalhos que contemplam uma diversidade de abordagens temáticas que, embora distintas, convergem na intenção de oferecer um panorama fundamentado sobre o Paraná.

Quanto ao conteúdo do artigo de Balhana, trata-se da transcrição de uma aula voltada a professores do ensino secundário, na qual a historiadora privilegiou uma análise sobre o “enquadramento do homem neste meio deveras singular”^{xxv}. A historiadora propôs uma reflexão sobre as interações entre o homem e o ambiente natural, observando as trocas recíprocas entre sociedade e meio físico. A partir da observação das trocas recíprocas entre o ser humano e o ambiente, Balhana procurou demonstrar em que medida “as condições do meio físico paranaense influenciaram o seu povoamento, a fixação humana em suas terras, o aproveitamento de suas reais possibilidades econômicas, os sistemas de trabalho, etc.”^{xxvi}

A perspectiva de pesquisa adotada por Balhana aproxima-se dos métodos da geografia humana amplamente difundidos no Brasil, sobretudo daqueles vinculados à tradição metodológica francesa dos estudos regionais desenvolvidos por Paul Vidal de La Blache e divulgados no Brasil por autores como Pierre Monbeig^{xxvii}. A chamada geo-história do Brasil formulada por Pierre Monbeig insere-se na linhagem intelectual inaugurada por Vidal de La Blache, reconhecido por sua atenção à observação geográfica das paisagens e à análise documental voltada à constituição dos territórios e regiões^{xxviii}. O conceito de geo-história, nesse contexto, refere-se a uma abordagem que busca “identificar as lógicas particulares da configuração do território em suas formas mais duráveis”^{xxix}. A essa perspectiva somam-se os estudos sobre a paisagem^{xxx}, com ênfase nas transformações provocadas pela ação humana — uma preocupação já presente nos trabalhos pioneiros de Marc Bloch e Lucien Febvre, cujas contribuições marcaram o diálogo entre história e geografia nas primeiras duas gerações da Escola dos Annales^{xxxi}.

A incorporação da tradição dos estudos geográficos, especialmente aqueles vinculados à tradição francesa, na escrita da história brasileira, parece não ser incomum, como destaca Otávio Erbereli Júnior^{xxxii} ao analisar o papel da produção historiográfica de Alice Piffer Canabrava (1935-1951). Para este historiador, essa seria uma característica presente na historiografia brasileira daquele período, sobretudo aquela produzida no contexto de profissionalização da área no campo^{xxxiii} universitário, momento em que os saberes histórico e geográfico ainda eram integrados. Essa presença também pode ser verificada por análise do material produzido por Balhana, ao demonstrar que um dos elementos incorporados da tradição geográfica em sua obra está ligado à necessidade de observação do geógrafo; é através deste olhar que Balhana desenvolve suas impressões históricas. Em sua conferência, fica evidente que o olhar da historiadora estabeleceu-se a partir da análise das habitações da região estudada.

É um aspecto típico do meio paranaense que evidencia a madeira como força econômica, mas também elemento integrante da vida do homem, que entre as suas múltiplas aplicações [...] a utilizada como material de construção daquilo que é a marca da presença humana na paisagem geográfica [...] a habitação [...] casa de madeira [que] vem sendo ultimamente substituída por aquela construída de tijolos [...] a casa de madeira vem desaparecendo das cidades, reduzida a sua área de extensão às zonas de mata^{xxxiv}.

Aqui, claramente Balhana mobiliza seus conhecimentos em Geografia Humana, especialmente seu diálogo com o trabalho de Pierre Monbeig, para quem essa área do conhecimento “pesquisa aquilo que o homem acrescentou à paisagem da Terra, ela estuda o homem como fabricante de paisagem, como transformador da fisionomia terrestre”^{xxxv}. Um dos



pontos ressaltados pela historiadora é o papel da madeira como força motriz da economia regional, indicando que a habitação — enquanto vestígio material — funciona como um marcador das transformações humanas sobre os ambientes naturais. Essa abordagem está alinhada à originalidade interpretativa proposta por Monbeig ao analisar as dinâmicas econômicas do Brasil a partir das relações entre espaço, recursos naturais e desenvolvimento do capitalismo^{xxxvi}.

Pierre Monbeig (1908-1987) esteve no Brasil de 1935 a 1946, na fundação do curso de geografia na Universidade de São Paulo. Durante este período, publicou diversos artigos nos periódicos de geografia e dois livros, *Ensaio de Geografia Humana Brasileira* (1940) e *La crise des sciences de l'Homme* (1943). Após sua volta à França, publicou *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. O alcance teórico-metodológico desenvolvido por geógrafos franceses teve ampla adesão nas pesquisas realizadas no Brasil entre os anos 1930 e 1940, especialmente por meio da difusão dos estudos regionais inspirados em Paul Vidal de La Blache^{xxxvii}. Essa vertente ganhou projeção com a atuação de Pierre Monbeig e de outros pesquisadores, como Leo Waibel, cujos trabalhos sobre as paisagens agrárias — tanto em suas dimensões econômicas quanto culturais — contribuíram significativamente para a consolidação da geografia humana no país^{xxxviii}.

Para Marieta de Moraes Ferreira existia uma diferença importante na herança francesa da Geografia e da História no Brasil. Para a historiadora, os geógrafos estabeleceram laços mais profundos com o país, tendo permanecido mais tempo por aqui e se responsabilizando pela criação de instituições e produção de materiais de pesquisa num contexto em que a geografia era “incipiente” e a pesquisa praticamente inexistente^{xxxix}. Além disso, um movimento mais amplo identificado por Patrícia Aranha^{xl}, que analisa a consolidação autônoma do campo da Geografia nas universidades brasileiras, demonstra que a separação entre os cursos de História e Geografia, particularmente na Universidade de São Paulo, foi encabeçada pelos próprios geógrafos, que já haviam consolidado um corpo de práticas e saberes fortemente enraizados em expedientes técnicos, como levantamentos topográficos, geológicos e econômicos, muitas vezes associados a políticas estatais de ocupação territorial, o que tornava inadequada sua subordinação à matriz pedagógica da História^{xli}.

No caso do Paraná, a aproximação de Altiva Balhana com referenciais geográficos pode estar relacionada às particularidades do currículo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, onde obteve sua formação acadêmica. Conforme demonstra Diogo Roiz, a partir da análise de documentos como “diários de classe” e “cadernetas de frequência e matéria lecionada”, o curso de Geografia e História apresentava, a partir do segundo ano, “um direcionamento mais localizado, com ênfase no Brasil, no espaço geográfico paranaense e na história do Paraná e do sul do país”^{xlii}. A disciplina de Geografia Humana, por exemplo, aborda tanto fundamentos teóricos e metodológicos das principais escolas geográficas quanto reflexões sobre a relação entre homem e meio, além de debates conceituais centrais à área^{xliii}. A esse conjunto de conteúdos somavam-se discussões sobre a realidade regional, perspectiva que mais tarde viria a informar, sob novas configurações teórico-metodológicas, os estudos históricos desenvolvidos no Departamento de História da UFPR. Essa articulação entre Geografia e História, portanto, não se deu apenas por afinidades temáticas, mas foi também resultado de uma formação acadêmica marcada por cruzamentos disciplinares e por uma ênfase no conhecimento do espaço regional como base para a análise histórica — orientação que também era defendida por Brasil Pinheiro Machado, inicialmente professor de História do Brasil e, posteriormente, colega de trabalho.

Além das contribuições da Geografia Humana, também é possível verificar no estudo “A inserção do homem no quadro ecológico” de Altiva Balhana, a contribuição da Geografia Física^{xliiv}, o que acontecia por meio da aproximação de sua produção aos estudos de Reinhard Maack (1892-1969), que fora seu professor na FFCL-UP e possivelmente colaborou para a difusão dessa perspectiva geográfica^{xlii}. Maack foi um geógrafo com sensibilidade para o histórico; defendia a necessidade da integração que deveria existir entre o meio geográfico e a realidade histórica, como constituindo uma única tessitura. Teve sempre presente em sua pesquisa o sentido de comunidade, com a percepção dos elementos físicos, biológicos, geológicos e climatológicos, estudando o mútuo jogo dessas forças e as suas transformações, destacando a ação que os seus diferentes componentes exercem na dinâmica do ecossistema^{xlii}.

Em sua proposta, Balhana descreveu as condições do meio físico, destacando “os aspectos mais característicos do relevo, hidrografia, clima e fitogeografia do Paraná”^{xlii}, aspectos que teriam determinado “as atividades humanas, ligadas naturalmente às possibilidades oferecidas pelas riquezas exploráveis região”^{xlii}. Para oferecer um quadro natural característico pela sua singularidade, a proposta de Balhana se aproximava das concepções de Reinhardt Maack, especialmente do estudo que este desenvolveu no contexto da Associação dos Geógrafos Brasileiros, e publicado na *Revista de Geografia*, intitulado “Notas preliminares sobre clima, solos e vegetação do Estado do Paraná” (1950), o que demonstra que sua produção estava interligada com as principais tendências daquele contexto.

Delimitar as feições características do território paranaense, entendido como zona de transição^{xlii}, era uma maneira de validar o estudo de suas condições climáticas, através das diferenciações fundamentais na estrutura das comunidades humanas correspondentes a cada uma das áreas climáticas, que se poderia distinguir desde a diversidade na forma do



povoamento, no sistema de trabalho, na organização social-econômica, até mesmo a caracterização dos gêneros de vida e dos tipos regionais¹.

Sobre as condições fitogeográficas que Balhana propôs em sua análise, a abordagem também parece ser inspirada em pesquisas realizadas por Reinhard Maack, que além de outras atividades, também desempenhou a função de sócio da Associação dos Geógrafos Brasileiros, instituição com a qual o IHGEP passou a dialogar com mais proximidade a partir da renovação de seu quadro associativo na década de 1940 e 1950. Além disso, Maack foi docente na Universidade do Paraná, nas cadeiras de geologia e paleontologia, e, depois, de geografia física, no curso de Geografia e História, na antiga FFCL-UP; ou seja, ele foi professor de Altiva Balhana, e de acordo com Rafael Benthienⁱⁱ também se configurou como um dos nomes centrais do curso.

Mapa fitogeográfico do Estado do Paraná, publicado em 1950 pelo Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT), por exemplo, é um empreendimento realizado por Maack que analisa as áreas de matas secundárias a partir dos estudos de reconhecimento das paisagens no Estado do Paraná. Na pesquisa de Balhana, o revestimento vegetal é visualizado na fazenda de gado, zonas de mata, experiências de colonização agrícola e pastoril, erva-mate (paisagem industrial)ⁱⁱⁱ. A ênfase na distribuição das áreas de matas, ou seja, na diversificação do revestimento vegetal dos campos aproxima-se das questões lançadas por Maack, responsável pelas bases geográficas fundamentais do Estado do Paraná, a partir da análise dos fatores geológicos e geográficos que interferem no complexo ecológico.

Outra fonte para a pesquisa da historiadora paranaense foi *Esboço da geomorfologia do Estado do Paraná*, estudo do renomado geólogo brasileiro João Bigarella, conhecido por suas contribuições significativas para a compreensão da geologia e geomorfologia do estado do Paraná. A obra fornece uma visão geral da geomorfologia do estado, abordando aspectos relacionados ao relevo, hidrografia, clima e fitogeografia, e sua relação na ocupação humana e nas atividades econômicas da região. Autor de diversos trabalhos e pesquisas relacionados à geologia, suas contribuições incluem estudos sobre a formação geológica do Paraná e suas influências no meio ambiente, na história natural e na ocupação humana da região, de modo que essa leitura teve impacto significativo no entendimento da geografia e história do Paraná conforme definidos pela historiadora. A influência de João Bigarella no cenário intelectual regional pode ser verificada por sua participação no Curso de Extensão Cultural e pela publicação de seu estudo em co-autoria com Riad Salamuni, "Sinopse da Geologia do Estado do Paraná", no *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* (1958), mesma edição em que foi publicado o estudo de Altiva Balhana.

No primeiro texto de autoria de Altiva Balhana publicado no *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, a aproximação com a geografia é bastante presente e parece ter sido uma inovação da escrita interdisciplinar da autora, ou seja, pensar as transformações humanas a partir do meio físico em que os paranaenses habitam. Portanto, a geografia desempenhou um papel fundamental na produção da escrita da história regional elaborada pela professora Altiva, pois sua narrativa era capaz de fornecer um contexto espacial e influenciar a interpretação dos eventos históricos, colaborando especialmente com reflexões sobre como o ambiente físico moldou as ações e decisões das sociedades paranaenses ao longo do tempo. Portanto, a historiadora explora como as condições geográficas moldaram a interação entre o homem e o ambiente no contexto específico do Paraná. Isso remete à forte relação de sua pesquisa com os métodos da geografia humana, principalmente quando propõe explorar os aspectos geográficos que influenciam o desenvolvimento humano e as atividades econômicas na região. Utilizando-se de observação e de fontes bibliográficas para embasar o conteúdo apresentado, sua produção historiográfica esteve em diálogo com a especificidade regional como estratégia para sua escrita.

Soma-se a tais experiências historiográficas, o fato da atividade realizada por Balhana, revelar um momento em que o curso de História e Geografia da FFCL-PR tinha um caráter mais didático e se direcionava com maior ênfase à formação de professores para o ensino, sobretudo para o ensino secundário. Esse período antecede o vínculo definitivo que a professora estabelecerá a partir de 1958 e 1959 com os arquivos nos estágios realizados em museus e centros de pesquisa europeus, como a Università degli Studi di Firenze, Itália, onde anos depois obtém a livre-docência (1978). Tais experiências modificaram significativamente a sua prática historiográfica, de modo que os desdobramentos dessa renovação seriam visíveis nas questões relativas ao método de pesquisa em história (especialmente o demográfico) e o aprofundamento de estudos sobre a imigração no Paraná, temática da qual se tornaria referência nacional e internacional.



SEGUNDA PUBLICAÇÃO (1969): TRANSIÇÃO METODOLÓGICA E A RENOVAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA PARANAENSE

Dez anos após sua primeira contribuição ao Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, a historiadora Altiva Pilatti Balhana voltou a ter um estudo selecionado para publicação no mesmo periódico. No volume X do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná — publicado em Curitiba em 1969, já na nova sede da instituição, localizada à rua José Loureiro, n.º 43 — foi incluído o artigo de sua autoria intitulado “Formação da População Paranaense”. Essa edição, que teve como diretor do Boletim o sr. José Gonzaga Vieira também reuniu trabalhos relevantes como “A propósito de ‘Divertimento Admirável’”, de Alvir Rieseberg; um trecho da História do Caminho do Itupava, de Júlio Estrella Moreira; “Notícias sobre as grutas calcárias do Paraná”, de Osvaldo Pilotto; “A origem do chimarrão”, de Fredericindo Marés de Souza; “Achegas à Bibliografia Paranaense”, de Newton Carneiro; “Estelário o Brasil”, de Heitor Stockler; “O Pelourinho de Curitiba”, de Alô Guimarães; e “Guaratuba e os Guarás”, de Heitor Borges de Macedo. O exemplar incluiu ainda a ata da sessão solene de posse de novos sócios, realizada em 24 de maio de 1968, com discurso do professor Júlio Estrella Moreira, além do relatório da diretoria e da seção de documentos.

Cabe destacar que o período de 1 de abril de 1964 à 15 de março de 1985 corresponde, na história política brasileira, a um momento de vitória das forças conservadoras, que através de um golpe de Estado, depuseram o então Presidente da República João Goulart, instaurando uma ditadura, hoje considerada por uma nova historiografia como civil-militar. Embora não seja objetivo deste trabalho analisar o envolvimento direto do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense com a ditadura civil-militar, tampouco o posicionamento da elite intelectual vinculada à instituição diante do novo cenário político, ou ainda as relações de poder estabelecidas entre seus membros e o regime no contexto regional, é fundamental reconhecer que o Instituto atravessou diferentes períodos e mudanças de regime ao longo de sua história. Nesse percurso, vale destacar que suas ações editoriais foram interrompidas nos primeiros anos do governo ditatorial, entre 1964 e 1966. A partir de 1967, no entanto, o Boletim voltou a ser publicado e manteve uma sequência editorial ininterrupta até 1981, demonstrando tanto a resiliência institucional quanto a capacidade de adaptação do IHGEP em meio ao novo regime político.

Nos primeiros anos da ditadura, especialmente durante o ciclo do “milagre econômico” (1968–1973), o governo federal promoveu investimentos em setores estratégicos e em infraestrutura, inclusive no campo cultural, desde que essas iniciativas estivessem dentro de uma lógica de neutralidade técnica e não confrontassem o regime. A nomeação de sócios honorários, a participação de autoridades locais em eventos do Instituto e a presença de figuras públicas em cerimônias indicam articulação com o campo político dominante, característica que podia assegurar respaldo indireto ou explícito do regime.

Esse período também foi marcado, no âmbito universitário, pela consolidação da História como disciplina acadêmica e pela crescente profissionalização do historiador, marcada sobretudo pelo fortalecimento da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH). Essa transformação alterou o status do pesquisador, com o surgimento de um novo perfil profissional — não mais restrito ao ensino, mas também dedicado à pesquisa sistemática. Com isso, buscava-se renovar a historiografia paranaense, por meio de novas abordagens e formas de se relacionar com o passado.

No caso da contribuição de Altiva Balhana, é relevante considerar seu papel como secretária do IHGEP no período de 1969 a 1971. Essa função administrativa, exercida paralelamente à sua docência no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, sugere uma inserção ativa tanto na esfera acadêmica quanto nas dinâmicas institucionais do Instituto. Sua posição pode ter favorecido a seleção de seu estudo para o Boletim, revelando não apenas as redes de sociabilidade intelectual que construía, mas também o modo como articula sua presença nos espaços de produção e circulação do conhecimento histórico. Mais do que uma colaboradora eventual, Altiva atuava como uma agente da organização institucional e da consolidação do IHGEP como espaço estratégico para o campo historiográfico, de transferências culturais, de elaboração da história regional e de outros saberes.

A publicação em questão, “Formação da população paranaense”, trata-se de texto escrito por Balhana quando ainda era assistente da cadeira de História da América; o conteúdo refere-se à proposta de uma análise quantitativa da população paranaense, de modo a compreender a composição social e étnica do estado, especialmente o contingente de negros, indígenas e europeus, com vias de traçar a transformação demográfica paranaense desde o século XVII, que se consolidaria com a imigração europeia a partir o século XIX, e imprimiu uma especificidade paranaense no contexto nacional. Além da abordagem demográfica, o estudo de Balhana reflete uma preocupação explícita com a dimensão arquivística da pesquisa histórica. Sua investigação dialoga com uma tradição local de valorização da documentação como



fonte para a escrita da história, reconhecendo o legado de nomes como Francisco Negrão — e seu trabalho no Arquivo da Câmara Municipal de Curitiba com as Atas da Câmara Municipal de Curitiba —, Moysés Marcondes, com a publicação de Documentos para a História do Paraná, e ainda Romário Martins e Ermelino de Leão, que reuniram documentação voltada à defesa dos direitos territoriais do Paraná em litígio com Santa Catarina.

Ao reconhecer a organização dos arquivos como parte indissociável do ofício do historiador, especialmente em meio ao incentivo crescente à pesquisa universitária, Balhana entende que o trabalho documental marca uma virada metodológica. Tal virada implica o deslocamento para uma temporalidade de longa duração, ancorada na constituição e análise das séries documentais. A exploração de acervos até então pouco utilizados é apresentada como uma via para o reordenamento da história regional, permitindo o surgimento de novos problemas, objetos e agentes históricos. A autora também denuncia a fragilidade da infraestrutura arquivística brasileira, afirmando ser fundamental compreender que “nenhum país teve historiografia significativa, sem haver primeiro realizado o levantamento e arrolamento exaustivo de suas fontes históricas”. O problema da pesquisa histórica no Brasil e a situação dos arquivos foram centrais nos debates liderados pelo historiador José Honório Rodrigues, anos depois dessa publicação, especificamente na mesa-redonda realizada no dia 6 de julho de 1971, durante a XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, associação à qual a Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH) era associada.

Sobre o texto “Formação da População Paranaense”, publicado em 1969, o estudo fornece informações sobre a população do Paraná, incluindo dados demográficos e características da população ao longo do tempo. Entre os materiais localizados e que permitiu reconsiderar os dados estatísticos da composição demográfica da população paranaense estão o primeiro censo completo da série relativa à Capitania de São Paulo realizado em 1772; os autos de inventários das famílias; da Matrícula Geral de Escravos do Círculo da Collectoria da cidade de Paranaguá, realizada em 1844; a Receita Pública Ordinária da Província, conforme Relatório da Tesouraria Provincial; Relatórios dos Administradores das minas do século XVII, e de outros referenciais bibliográficos. A pesquisa destaca as transformações da população paranaense ao longo dos séculos e enfatiza que as mudanças demográficas estão fundamentadas em atividades econômicas que influenciaram o crescimento e a distribuição da população.

Os documentos utilizados na elaboração do estudo aqui analisado foram levantados durante a execução do projeto “Levantamento de fontes para a história demográfica do Paraná”, realizado pelo Departamento de História da UFPR a fim de fomentar o desenvolvimento de pesquisas no curso de história, trabalho sob direção da professora Altiva Balhana. A coleta dos documentos aconteceu no Departamento do Arquivo de São Paulo, onde a historiadora localizou, “as dez caixas relativas à ‘População’ do planalto curitibano”.

Balhana (1969), em seu estudo de história demográfica, valeu-se de fontes que não eram usadas na historiografia tradicional paranaense. A coordenação dos dados, por meio da constituição das séries, aos moldes da historiografia à la Annales, sinônimo de científica, enfatizava uma atividade sistemática que orientaria desde então a sua prática historiadora. Com os elementos numéricos, extraídos de fontes primárias, censos antigos, autos de inventário e matrículas de escravos, seria possível não só a caracterização geral de uma população histórica quanto ao seu efeito global, curvas de crescimento ou de declínio, gráficos mais complexos, fornecimento de dados valiosos para compreender a população e sua evolução ao longo do tempo. Através da demografia era ainda possível determinar a estrutura social e ocupacional, enfim, uma série de outras características econômicas, sociais e culturais de uma comunidade, mesmo para um passado remoto.

Assim, a partir da documentação levantada e da realização dos estudos demográficos realizados foi possível a própria historiadora renovar as suas interpretações sobre a história do Paraná, como, por exemplo, a que foi divulgada pela própria professora Altiva Balhana em artigo intitulado “Aspectos da Geografia Humana”, publicado em 1955. Nesta pesquisa, ao concluir suas análises sobre a contribuição da tríade indígena, branco e negro para a formação da população paranaense, a historiadora escrevia: “bem menor foi a contribuição do elemento negro na formação étnica paranaense”. Isso teria acontecido porque no Paraná não se desenvolveram, a princípio, as grandes fazendas de lavoura que concentram enorme “escravaria”; além disso era difundido que “as atividades econômicas dominantes no Paraná até a época da abolição, não exigiam um grande número de braços de escravos”. No mesmo artigo, a professora ressaltou a importância do indígena, relacionando-o ao movimento das bandeiras, na criação do gado e mais tarde na colheita da erva-mate, e enfatizou a contribuição da imigração europeia após o século XIX, sendo para ela a contribuição do elemento branco a mais importante na composição paranaense, que de variada procedência, vem entrando no Brasil desde o tempo do descobrimento.

Ao falar sobre a presença do negro no Paraná, alegando ser esta menos significativa, a historiadora hierarquizava as contribuições dos elementos étnicos na composição da população paranaense, constituída a partir das características econômicas da região. Essas indagações compuseram o discurso que delineou a formação social e histórica no estudo



regional paranaense. Um dos temas profundamente tratados na produção intelectual foram as questões relacionadas à identidade paranaense e sua herança sociológica calcada na miscigenação, num contexto em que o estudo social e histórico não estava vinculado às suas especificidades disciplinares.

As análises sobre as interpretações da importância do negro na formação histórica do Paraná seriam desafiadas mediante a prática da moderna historiografia, quando o uso de novas fontes e leituras estabelecidas ofereceram uma visão mais abrangente do passado. Na década de 1960, estudos como os de Octávio Ianni atestariam a presença da escravidão no Paraná, contestando as definições amplamente divulgadas até então, como, por exemplo, a tese defendida por Wilson Martins que publicou em 1955 *Um Brasil Diferente*. A obra, dedicada a Bento Munhoz da Rocha Neto, professor de História da América do DEHIS-UFPR, que à época ocupava o cargo de governador do estado do Paraná, foi alvo de algumas polêmicas por definir o Paraná “[...] sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição não é brasileira”.

Cabe lembrar que Wilson Martins, conforme discurso proferido pelo Prof. Julio Estrela Moreira por ocasião da posse dos novos sócios do IHGEP, realizada em sessão solene em 24 de maio de 1969, foi acolhido entre os novos associados do ano de 1968, eleitos pela unanimidade de votos dos membros do seu conselho diretor. Tal presença sugere a existência no interior mesmo do instituto de uma disputa por interpretações sobre a história da formação social do Paraná.

A superação de determinadas narrativas acompanhava as modificações interpretativas que se desdobraram a partir do uso das fontes primárias, documentação da história colonial e imperial paranaense levantada, localizada e identificada em arquivos pelo trabalho de pesquisa dos professores universitários. Valendo-se dessa prática, Altiva Balhana (1969) desafiou interpretações anteriores sobre a importância dos diferentes grupos étnicos da formação da população paranaense, e renovou seu próprio olhar sobre a questão realizando novas pesquisas e contribuindo para uma visão mais abrangente do passado. Balhana foi pioneira na utilização de fontes e metodologias na historiografia paranaense, o que a tornou uma referência em estudos sobre imigração e demografia histórica; essa contribuição foi fundamental para a consolidação da história regional do Paraná.

Essa mudança interpretativa a partir da realização de pesquisas sobre as transformações que se operavam no Paraná Tradicional, na qual o português, o índio e o negro caracterizam o quadro demográfico, também pode ser observada no artigo que Altiva Balhana publicou em 1969 no *Boletim do IHGEP*, quando mediante a documentação selecionada foi possível verificar que a “participação econômica e social de escravos, índios e africanos, e seus descendentes, na formação do efetivo populacional paranaense, foi bastante significativa durante um longo período, imprimindo-lhe características que o identificam com aquelas do modelo clássico de formação da população brasileira”. Entretanto, tais características tornaram-se menos visíveis, especialmente porque o quadro demográfico do Paraná foi substancialmente alterado durante a segunda metade do século XIX pelas transformações econômicas da sociedade tradicional paranaense.

Seriam essas transformações econômicas que fizeram com que os novos elementos étnicos, principalmente europeus, se somassem à tríade étnica fundamental: índio, português e negro. Neste caso, os contingentes de imigrantes imprimiram à população paranaense sua principal característica, ou seja, “a grande variedade étnica, constituindo o quadro populacional paranaense verdadeiro mosaico étnico-cultural, no qual estão representados povos e culturas os mais diversos”.

Essa proposta de articulação entre história demográfica e história regional está relacionada diretamente com a pesquisa de Maria Luiza Marcílio, publicada em 1968, intitulada *La Ville de São Paulo: peuplement et population 1750-1850*, orientada por Pierre Chaunu e elaborada com base nos recenseamentos da capitania de São Paulo, de 1765, 1798 e 1836, e nos registros paroquiais da Sé de São Paulo. Por sua vez, é importante salientar que as análises demográficas realizadas no Paraná, conhecidas por sua “aridez”, buscaram, mais tarde, refúgio na história social e econômica e na história da população, utilizando dados demográficos e métodos de reconstituição das famílias como base para outras análises, escapando de críticas mais contundentes.

Essa inflexão pode ser observada anos mais tarde em texto intitulado “Raízes Luso-Africanas da População Paranaense”, publicado em 1988 por Altiva Balhana e Cecília Westphalen. Elaborado para o I Colóquio Internacional População no Mundo de Expressão Portuguesa, realizado em Recife, esse estudo representa um ponto de inflexão nas abordagens historiográficas sobre o Paraná. Nele, as autoras ampliam o escopo da análise demográfica para incorporar questões relativas à presença africana e suas contribuições culturais e sociais — temas historicamente marginalizados nas narrativas locais. O texto simboliza uma abertura para novas interpretações sobre a formação populacional do estado, valorizando conexões atlânticas e matrizes culturais não europeias, e consolidando a transição da história demográfica para abordagens mais complexas e inclusivas da história da população.



A abordagem por uma demografia histórica e econômica de fundo social está presente em “Formação da População Paranaense”, onde a autora demonstra que a utilização da mão de obra africana, embora numericamente inferior à de outras regiões brasileiras, teve papel significativo na constituição dos sistemas produtivos do Paraná colonial e imperial. A leitura da população negra como força de trabalho — com análise de sua inserção em circuitos econômicos — aproxima Balhana da vertente da história econômica com viés estruturalista, alinhada aos aportes das gerações dos *Annales*, que articulavam economia, sociedade e demografia na longa duração. Ao explorar a formação da população paranaense por meio da presença de africanos e lusos — com destaque para o uso de genealogias, testamentos e documentos eclesiásticos — Balhana constroi um panorama que ultrapassa o recorte numérico e evidencia a constituição sócio-histórica da população.

A análise da produção científica dos pesquisadores do Dehis permite afirmar que após a criação do Departamento de História em 1959 e durante a década de 1960 os professores direcionam seus esforços para o curso de graduação, dedicando-se às atividades do magistério e mantendo em andamento pesquisas em torno da história do Paraná. Ressalta-se também que os sucessivos contatos mantidos por esses professores com outros centros de excelência nacionais, como a Universidade de São Paulo, e internacionais, especialmente com a França, resultaram em definições teórico-metodológicas que nortearam as pesquisas da época e permitiram que, na década seguinte, esse grupo se sentisse credenciado para assumir as tarefas de criação de um curso de pós-graduação, a nível de mestrado. Nomes como Louis Henry e Frédéric Mauro estiveram, no decorrer da década de 1970 ministrando cursos na Universidade Federal do Paraná, participações que somadas à de Fernand Braudel, são perceptíveis na produção científica de vários professores. Dentre os recortes em torno dos quais iriam se desenvolver a maioria das pesquisas para as dissertações de mestrado, predominaram temas relativos à História Demográfica e à História Econômica. A produção demográfica se inspirava nas propostas francesas (Institut National d’Études Démographiques) e inglesas (“grupo Cambridge”) e seguia as técnicas propostas por Louis Henry, Michel Fleury e Peter Laslett. Por sua vez, os historiadores da História Econômica, seguiam, principalmente, as indicações teórico-metodológicas de Frédéric Mauro, discípulo de Fernand Braudel.

As motivações que determinaram a necessidade de ampliar os conhecimentos de demografia do presente e do passado foram múltiplas. Nos países subdesenvolvidos foi, sobretudo, a formulação de políticas econômico-sociais e de programas de desenvolvimento regional e nacional que passaram a exigir estudos de população mais extensos e profundos. Eram necessárias análises demográficas não só da situação presente, mas também aquelas destinadas ao conhecimento das tendências seculares da população e dos fatores que condicionaram a atual distribuição geográfica do povoamento e das atividades socioeconômicas, indispensáveis à compreensão do desigual desenvolvimento regional.

O contato com a Historiografia francesa foi crucial, tanto nas preocupações relativas ao ofício do historiador, a história problema, quanto no alargamento da noção de fontes proposto pelos *Annales*, sobretudo no que se refere à documentação e à organização dos arquivos. A partir desse contato, Balhana estabelece uma nova relação com a documentação, adequando o uso da metodologia francesa da história demográfica à realidade paranaense. A possibilidade de se escrever a História a partir de fontes inéditas, delimitando objetos em História Regional, foi ampliada a partir de acervos repletos de possibilidades de pesquisa, provocando um apreço pelos arquivos.

Assim, utilizando-se de técnicas quantitativas para analisar a população do Paraná, o estudo publicado no periódico do instituto paranaense em 1969 fornece dados valiosos para compreender as transformações da prática historiográfica de Altiva Balhana, e, a partir dela, verificar o desenvolvimento demográfico, a estrutura social e ocupacional e outras características econômicas, sociais e culturais da região.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As análises realizadas neste artigo permitiram evidenciar a centralidade da trajetória de Altiva Pilatti Balhana na renovação da escrita da história regional paranaense durante as décadas de 1950 e 1960. Sua atuação no Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense (IHGEP), articulada à sua inserção na universidade, revela a potência das conexões entre espaços institucionais diversos na constituição do saber histórico. Além de publicar no Boletim do IHGEP, Altiva Balhana também desempenhou papéis administrativos relevantes, como secretária (1969-1971) e vice-presidente (1975-1977). Isso indica seu engajamento com a organização e a consolidação do Instituto como um espaço da produção de história regional, além de destacar sua importância na promoção do conhecimento histórico. Entende-se que a aproximação de Altiva Balhana ao IHGEP foi uma relação mutuamente enriquecedora que transcende a simples participação como sócia, contribuindo para a atualização da historiografia regional paranaense produzida no instituto e reforçando a relevância do IHGEP como um espaço de transferências culturais importante para a história do Paraná. Essa



parceria ilustra como diferentes instituições podem se complementar e se organizar em rede para produzir e difundir conhecimentos históricos e um juntos difundir um nós historiográfico.

Ao publicar no Boletim do IHGEP, Balhana contribuiu para a reconfiguração do periódico como espaço de experimentação metodológica e atualização teórica. Sua produção transitou da geo-história — influenciada pela tradição francesa da geografia humana — para a demografia histórica, incorporando práticas inovadoras de análise de fontes, uso de séries documentais e tratamento quantitativo da informação. Tal mudança marca não apenas sua trajetória intelectual, mas também um momento de inflexão na historiografia paranaense, cada vez mais comprometida com a crítica documental, o rigor metodológico e o diálogo com correntes historiográficas internacionais.

Balhana, quando desafiou as interpretações tradicionais sobre a formação da população do Paraná — especialmente no que tange à presença negra —, antecipou debates fundamentais que só ganharam fôlego nas décadas seguintes. Sua obra reafirma a importância da escrita da história ancorada nos arquivos, atenta às dinâmicas da população e sensível às tensões entre identidade e discurso histórico.

Portanto, reconhecer a contribuição de Altiva Balhana é também reconhecer o papel das mulheres intelectuais nos processos de institucionalização da história como disciplina acadêmica e na construção de uma historiografia regional crítica, documentada e aberta à pluralidade das experiências históricas.

FONTES

Ata de reunião do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná. 14 de novembro de 1969. Caderno de Atas n. 1. (2/12/1964 — 14/04/1972), p. 40-46. Arquivo do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Edição comemorativa ao centenário de morte do Marquês do Paraná. Curitiba. Papelaria Requião & Ltda. Volume VII — Jan. jun. de 1957. 50 p. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba.

Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba. Vol. VII, Fasc. 3-4, 68 p. 1958. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba.

Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba. Volume X. 1969. 115 p. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba.

BALHANA, Altiva Pilatti. A inserção do homem no quadro ecológico. In: *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Curitiba. Vol. VII, Fasc. 3-4, 1958, p. 22-30. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba.

BALHANA, Altiva. Formação da população paranaense. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Curitiba. Volume X. 1969. p. 40-51. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba.

Estatutos do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Cap. I. Do Instituto e sua finalidade, Art. 1º, 1999, p.3-12. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ALMEIDA, Letícia. A construção da História Demográfica na historiografia paranaense: a historiadora Altiva Pilatti Balhana. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Ponta Grossa. UEPG, 2017.

ALVES, Gilberto Luiz; FERREIRA, Marieta de Moraes. *História da geografia no Brasil: institucionalização e trajetórias*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

ARANHA, Patrícia. *Geografia como profissão: campo, autorrepresentação e historiografia (1934-1955)*. Stuttgart: Heinz, 2020.

_____. Um divórcio em dois tempos: a separação do curso universitário de Geografia e História. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *Universidades e Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.



- BACELLAR, Carlos A. P.; BASSANEZI, Maria S. C. B.; SCOTT, Ana S. V. Quarenta Anos de Demografia Histórica. *Revista Brasileira de Estudos de População*. São Paulo, v. 22, n. 2, jul-dez/2005, p. 339-350.
- BALHANA, Altiva Pilatti. Aspectos da Geografia Humana do Paraná. *Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas*. IBPT. Boletim n. 35. Tipografia João Haupt & Cia. Ltda – Curitiba. 1955. p. 19.
- BALHANA, A; WESTPHALEN, C. Levantamento e Arrolamento de Arquivos. *Separata do Boletim* n. 10, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1970.
- Curriculum Vitae Altiva Pilatti Balhana. Curitiba. 1999. Arquivo Público do Estado do Paraná. Sala Cecília Maria Westphalen. Biblioteca de Apoio. Pasta PI 015. Caixa 22.
- BOURDIEU, P. *Homo academicus*. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- BURKE, Peter. *A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo, ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.
- BENTHIEN, Rafael Faraco. Sobre Ensino e Pesquisa. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.41, nº 86, 2021.
- CERTEAU, M. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 66.
- CÓRDOVA, Maria Julieta Weber. *Tinguís, pioneiros e adventícios na mancha loira do sul do Brasil: o discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense*. Curitiba, 2009.
- DEFFONTAINES, Pierre. O que é Geografia Humana. *Boletim do Conselho Nacional de Geografia*. Rio de Janeiro, n. 3, p. 13-17, 1943. p. 13.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos “Annales” à “Nova História”*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel, *Revue Sciences/Lettres* [En ligne], 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rsl/219>. Acesso em dez. 2024.
- ETGES, Virgínia. Geografia agrária: a contribuição de Léo Waibel. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. Acesso em: 03 nov. 2023.
- FERNANDES, Loureiro; NUNES, Marília Duarte. *Oitenta anos de vida do museu paranaense (1876-1956)*. Curitiba. 1956. Edição Comemorativa ao 80º aniversário de fundação do Museu Paranaense.
- FAGUNDES, B. F. L. *O auge da história: história do curso de história da UFPR*. São Paulo: Letra & Voz, 2019.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Perfis e trajetórias dos professores universitários do curso de história no Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, A. J. B. (org.). *A universidade e lugares de memória*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- GUIMARÃES, Odah. Reinhard Maack e o espaço ecológico do estado do Paraná. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, Curitiba, v. XLVI, 1989, p.55-72.
- GRAF, Márcia Elisa de Campos. População escrava da Província do Paraná a partir das listas de classificação para emancipação. 1873-1886. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1974. 187 p.
- GONTIJO, Rebeca. A história da historiografia, 1940-1970: apontamentos sobre sua escrita. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH*. São Paulo: ANPUH, 2011.
- HARTOG, F. *Evidência da história*. O que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- IANNI, Octavio. *As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional*. São Paulo: Difusão européia do Livro, 1962.
- LAPA, José Roberto do Amaral. Alguns Problemas da Atual Historiografia Brasileira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (11), 1972.
- LEI Nº 2.594, DE 8 DE SETEMBRO DE 1955. Dispõe sobre o desdobramento dos Cursos de Geografia e História nas Faculdades de Filosofia.



LIRA, Larissa Alves de. Pierre Monbeig e a geo-história do Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.26, n.2, abr.-jun. 2019, p.649-656.

_____. *Pierre Monbeig e a formação da geografia no Brasil (1925-1956): Uma geo-história dos saberes*. São Paulo: Alameda, 2021.

MACHADO, D. V. Por uma “ciência histórica”: o percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998. Tese (Doutorado em História). UNESP, Assis, 2016.

_____. Altiva Pilatti Balhana (1928-2009). Catálogo de Teses e Dissertações em História defendidos entre 1942-2000. Disponível em: <https://www.historiografia.com.br/>. Acesso em dez. 2024.

MARCHI, Euclides; BONI, Maria Ignês M. de; SIQUEIRA, Márcia D.; NADALIN, Sérgio. Trinta anos de historiografia: um exercício de avaliação. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 133-141, set. 92/ ago. 93. p. 135.

MARTINS, Wilson. *Um Brasil Diferente: Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Anhembi, 1955.

MELLO, Amarílio Iop de. Reinhard Maack: a trajetória intelectual de um alemão na academia paranaense. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2002.

MOREIRA, Julio Estrela. Posse dos novos consócios do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, realizada em sessão solene do dia 24 de maio de 1968. p. 109.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Museu do Índio: 30 anos 1953-1983. Edição Comemorativa. Rio de Janeiro, 1983.

RODRIGUES, Mara C. de M. O papel da universidade no “campo da história”: o curso de Geografia e História da UPA/URGS na década de 1940. *MÉTIS: história e cultura*, v.2, n.2, p. 75-102, jul./dez. 2002.

_____. A formação superior em história na UPA/URGS/UFRGS de 1943-1971. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 11, p. 122-139, abr. 2013.

ROIZ, Diogo da S. A escrita e o ofício da história no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná (1938-1948). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 19, 2019, p.13.

SANCHES NETO, Miguel (Org.). *Wilson Martins*. n. 8. Curitiba: UFPR, p. 232, 1997. (Série Paranaenses).

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Preços de escravos na Província do Paraná: 1861-1887 (estudo sobre as escrituras de compra e venda de escravos). Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação - Mestrado em História do Brasil, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1974. 131 p.

SAPIRO, Giséle. *Os intelectuais: autonomização, profissionalização, internacionalização*. Edusp: São Paulo, 2025.

SILVA, Bruna. Associações de historiadores no Brasil: a SBPH entre lugares, normas e grupos. Tese (Doutorado em História). Universidade do Oeste do Paraná. UNIOESTE. 2019. 293 f.

SIMÕES DE PAULA, Maria Regina da Cunha Rodrigues. *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH*. Porto Alegre, setembro, 1967. p. 7-20.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Paraná – Zona de Trânsito. Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba: Papeleria Requião Ltda, v. VII, Fasc. 3-4, p. 45-55, 1957.

WESTPHALEN, Cecília. M. et. al. “Ata da reunião do Departamento de História da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, realizada em 2 de dezembro de 1964 [registrando sua constituição em princípios de maio de 1959]”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 50, n. 1, p. 285-315, 2009.

WESTPHALEN, Cecília Maria; MEQUELUSSE, Jair. Estado atual da pesquisa histórica no Brasil. *Separata da Revista de História*, n. 88. São Paulo, Brasil. 1971, p. 353-368.



NOTAS

- ⁱ O Instituto Histórico e Geográfico do Paraná foi fundado em 1900 com a denominação, até 3 de abril de 1947, de Instituto Histórico e Geográfico Paranaense. A partir desse momento passou a ser Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, assim permanecendo até 29 de junho de 1999. *Estatutos do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná*. Cap. I. Do Instituto e sua finalidade, Art. 1º, 1999, p. 3. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba.
- ⁱⁱ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ⁱⁱⁱ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ^{iv} A criação do DEHIS é datada a partir do relatório produzido por Westphalen em 1959, mas há indícios de que a separação demorou bem mais. A primeira anotação em ata dos trabalhos do Departamento de História da UFPR só foi produzida a 2 de dezembro de 1964, mesmo que o Departamento informalmente já estivesse em atividade desde 1959 (WESTPHALEN *et. al.*, 2009). Moeller e Maranhão (1988) justificam o fato afirmando genericamente que a Universidade do Paraná não teve “condições operacionais” para a separação dos cursos até 1964. Essa separação só ocorreu em 1964, levando conseqüentemente à criação de novas disciplinas (FAGUNDES, 2019, p. 91).
- ^v SAPIRO, Gisèle. *Os intelectuais: autonomização, profissionalização, internacionalização*. Edusp: São Paulo, 2025.
- ^{vi} ESPAGNE, Michel. La notion de transfert culturel, *Revue Sciences/Lettres* [En ligne], 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rsl/219>. Acesso em dez. 2024.
- ^{vii} A publicação do volume IV do *Boletim do IHGEP* cumpria a seqüência do antigo *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense*, publicado entre 1918-1925.
- ^{viii} BOURDIEU, P. *Homo academicus*. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- ^{ix} Altiva Pilatti Balhana (1928-2009). Graduiu-se entre 1947 – 1950 Bacharel em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. Em 1951 foi nomeada professora assistente da Cadeira de História da América na mesma instituição. Pioneira nos estudos de História Demográfica no Brasil, pesquisou acerca da formação social do Paraná, especializando-se em imigração italiana. Realizou estudos na Università degli Studi di Firenze, Itália, onde obteve a livre-docência. Em 1978, tornou-se Professora Titular de História da América no Departamento de História da UFPR; entre 1979/1985, atuou também como coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História na mesma instituição. Em 1981 tornou-se sócia fundadora da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH) e da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). Nesta última instituição foi, com Cecília Westphalen e Maria Beatriz Nizza da Silva, responsável pela criação da *Revista da SBPH* que circulou entre 1983 e 2002. Os dados aqui compilados podem ser encontrados em: *Curriculum Vitae Altiva Pilatti Balhana*. Curitiba. 1999; MACHADO, Daiane Vaz. Altiva Pilatti Balhana (1928-2009). *Catálogo de Teses e Dissertações em História defendidos entre 1942-2000*; ALMEIDA, 2017. Sobre a *Revista da SBPH*, consultar: SILVA, 2019.
- ^x HARTOG, F. *Evidência da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 16.
- ^{xi} CERTEAU, M. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 66.
- ^{xii} Altiva Balhana iniciou em 1951 sua carreira como docente da Universidade do Paraná. In: *Relação dos professores que exerceram suas atividades no departamento de história/UFPR, 1959-2009*. Relato Histórico. *Revista História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 50, p. 317-319, jan./jun. 2009. A professora conciliava a sua atuação no ensino superior com a docência de História e Geografia no Colégio Estadual do Paraná e no Instituto de Educação entre 1952-1957. In: LEAL, Letícia. *A construção da História Demográfica na historiografia paranaense: a historiadora Altiva Pilatti Balhana*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, 2017. p. 41.
- ^{xiii} *Lista Nominativa dos Sócios do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense*. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba.
- ^{xiv} Os estudos de Mara Rodrigues (2002) e (2013) foram importantes para a nossa reflexão sobre a questão da prática da docência na universidade funcionar como credencial para a filiação no Instituto. Entre 1938 e 1995 foram contratados pelo sistema de cátedras e departamentos, 49 professores para atuarem no curso de história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, depois Universidade Federal do Paraná. Deste total, na documentação consultada foram localizados a presença de 28 professores que atuavam como sócios do IHGEP, dos quais 8 publicaram textos no *Boletim do IHGEP* entre 1950-1995, a saber: Bento Munhoz da Rocha Neto, Brasil Pinheiro Machado, Cecília Maria Westphalen, Altiva Pilatti Balhana, Ruy Wachowicz, Márcia Elisa de Campos Graf, Odah Regina Guimarães e Beatriz Pellizzetti Lolla.
- ^{xv} Os cursos seriam separados a partir da regulamentação da Lei. N. 2.594/1955. (FAGUNDES, 2019, p. 92).



- ^{xvi} BALHANA, Altiva. A inserção do homem no quadro ecológico. In: *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Curitiba. Vol. VII, Fasc. 3-4, jul. dez. 1957. Publicado em 1958. Fasc. 3-4. p. 22-30.
- ^{xvii} Marília Duarte Nunes atuou na seção de Antropologia do Museu Paranaense, desenvolvendo estudos com Loureiro Fernandes. In: FERNANDES, Loureiro; NUNES, Marília Duarte. *Oitenta anos de vida do museu paranaense (1876-1956)*. Curitiba. 1956. Edição Comemorativa ao 80º aniversário de fundação do Museu Paranaense; Por seu destaque na área, ocupou a direção do Museu do Índio, na função de Museóloga-Assessor II no ano de 1983. In: *Museu do Índio: 30 anos 1953-1983*. Edição Comemorativa. Rio de Janeiro, 1983.
- ^{xviii} Os fascículos 1 e 2 foram publicados em 1957, no volume VI, que contemplou em suas páginas uma edição especial referente ao Centenário de Morte do Marquês do Paraná, Honório Hermeto Carneiro Leão — figura de alto relevo na história político-administrativa que atuou de forma decisiva quando dos debates, no Parlamento, dos históricos projetos para a criação da Província do Paraná. In: Noticiário. O primeiro centenário de morte de Honório Hermeto Carneiro Leão. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Edição comemorativa ao centenário de morte do Marquês do Paraná. Volume VII - Jan. jun. de 1957, publicado em 1958. Papelaria Requião, p. 49-50.
- ^{xix} A Papelaria Requião foi responsável pela publicação de alguns volumes do *Boletim do IHGEP* nos anos de 1951, 1953, 1956, 1958 e 1967. A primeira livraria da família Requião foi aberta em 1900, na cidade de Curitiba, na Rua XV de Novembro, com o nome de Livraria Econômica. AURELIANO, Valquir e CARVALHO, Joyce. Papelaria fecha as portas após 84 anos. *Tribuna do Paraná*. Curitiba, 22 mai. 2004.
- ^{xx} A trajetória do atual Colégio Estadual do Paraná remonta a 1843, com a fundação do Liceu de Curitiba, criado ainda sob a jurisdição da província de São Paulo. Posteriormente, a instituição recebeu a denominação de Liceu Paranaense, mantida até 1876, quando passou a ser designado Instituto Paranaense. Em 1892, foi transformada em Ginásio Paranaense e, em 1942, adotou o nome de Colégio Paranaense. No ano seguinte, em 25 de março de 1943, passou a ser oficialmente reconhecida como Colégio Estadual do Paraná (FAGUNDES, 2019, p. 39).
- ^{xxi} FAGUNDES, 2019, p.40.
- ^{xxii} LEAL, 2017.
- ^{xxiii} *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, v. VII, 1958, p. 3.
- ^{xxiv} *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*. Curitiba. Vol. VII, Fasc. 3-4, 1958. 68 f.
- ^{xxv} BALHANA, 1958, p. 22.
- ^{xxvi} Idem, ibidem.
- ^{xxvii} Também foram seguidores da teoria de La Blache, Pierre Deffontaines, Francis Ruellan e outros.
- ^{xxviii} Larissa Alves de Lira também ressalta a importância do debate sobre a geo-história para Fernand Braudel, que com Monbeig fez parte da segunda missão francesa enviada à Universidade de São Paulo, em 1935. Essa missão foi organizada por um grupo de intelectuais brasileiros que girava em torno do jornal *O Estado de São Paulo* e pela diplomacia francesa. (PETITJEAN, 1992 apud LIRA, 2019, p. 655). In: LIRA, Larissa Alves de. Pierre Monbeig e a geo-história do Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, abr.-jun. 2019, p. 649-656
- ^{xxix} DROULERS, 2001, p. 273 apud LIRA, 2019.
- ^{xxx} O estudo da paisagem constitui um dos mais antigos métodos de estudo do meio natural pertencente à Geografia Humana e à Geografia Física. A noção de paisagem originou-se com os geógrafos alemães no século XIX e o seu conceito é de natureza fisionômica, estando ligada ao método de observações e descrições em viagens de descobrimentos realizadas naqueles séculos pelos europeus. LIRA, Larissa Alves de. Pierre Monbeig e a geo-história do Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.26, n.2, abr.-jun. 2019, p.649-656; ERBERELI JÚNIOR, Otávio. A Geografia na escrita da História de Alice Piffer Canabrava (1935-1951). *Anais XXVII Simpósio Nacional de História*. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013.
- ^{xxxi} RIBEIRO, 2008, p. 135 apud ERBERELI, 2013. O marco inicial da Escola dos Annales foi o lançamento da revista *Annales d'histoire Économique et Sociale* em 1929, que se estabeleceu como porta-voz de uma “Nova História” e como crítica atenta à história considerada “tradicional”. Os principais ataques foram destinados ao Historicismo Alemão e à Escola Metódica francesa e foram feitos, sobretudo, por Febvre entre 1930 e 1940. Posteriormente, ao minimizar a história política, diplomática, militar ou eclesiástica que evidenciava o indivíduo e o fato histórico, a Nova História, nascida dos Annales nos anos 60, optou por privilegiar o “fato social total” em todas as suas dimensões econômicas, sociais e culturais. Mais informações sobre a questão, consultar: (BURKE, 1991); (DOSSE, 1992).
- ^{xxxii} ERBERELI JÚNIOR, Otávio. A Geografia na escrita da História de Alice Piffer Canabrava (1935-1951). *Anais XXVII Simpósio Nacional de História*. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013; ERBERELI JÚNIOR, Otávio. *A escrita da história entre dois mundos: uma análise da produção de Alice Piffer Canabrava (1935-1961)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014.
- ^{xxxiii} BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 122-155.
- ^{xxxiv} BALHANA, 1958, p. 30. [Grifo nosso].



- ^{xxxv} DEFFONTAINES, Pierre. O que é Geografia Humana. *Boletim do Conselho Nacional de Geografia*. Rio de Janeiro, n. 3, p. 13-17, 1943. p. 13.
- ^{xxxvi} LIRA, Larissa Alves. *Pierre Monbeig e a Formação da geografia no Brasil (1925-1956): Uma geo-história dos saberes*, São Paulo: Alameda, 2021.
- ^{xxxvii} ALVES, Gilberto Luiz; FERREIRA, Marieta de Moraes. *História da geografia no Brasil: institucionalização e trajetórias*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.
- ^{xxxviii} Leo Waibel (1888-1951), geógrafo alemão com destaque no Brasil, trazido ao país a cargo do Conselho Nacional de Geografia para realização de estudos nas frentes pioneiras. Sua produção bibliográfica no Brasil é dispersa em vários artigos publicados, além dos livros *A Colonização dos campos do Estado do Paraná* (1949) e *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil* (1958). A contribuição mais importante de Leo Waibel foi à Geografia Agrária brasileira, estabelecendo uma tipologia de sistemas agrícolas. ETGES, Virgínia. *Geografia agrária: a contribuição de Leo Waibel*. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. Acesso em: 03 nov. 2023.
- ^{xxxix} FERREIRA, Marieta de Moraes. Perfis e trajetórias dos professores universitários do curso de história no Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, A. J. B. (org.). *A universidade e lugares de memória*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, pp 250-260. p. 72-73.
- ^{xl} ARANHA, Patrícia. *Geografia como profissão: campo, autorrepresentação e historiografia (1934-1955)*. Stuttgart: Heinz, 2020. _____. Um divórcio em dois tempos: a separação do curso universitário de Geografia e História. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *Universidades e Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.
- ^{xli} Nesse contexto, a separação dos cursos aparece não apenas como uma reorganização administrativa, mas como uma reivindicação por reconhecimento de um campo científico autônomo. Ainda assim, é possível perceber, nos textos do *Boletim*, a convivência entre abordagens oriundas de tradições distintas. A vinculação compulsória à licenciatura em História, voltada majoritariamente para a formação de professores, era percebida como uma limitação à amplitude e à especificidade da atuação geográfica. (ARANHA, 2020).
- ^{xlii} ROIZ, Diogo da S. A escrita e o ofício da história no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná (1938-1948). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 19, 2019, p.13.
- ^{xliiii} Além de Geografia Humana, outra disciplina que compunha o currículo do curso de licenciatura de geografia e história da Universidade do Paraná era Geografia Física, ministrada no primeiro e no segundo ano. ROIZ, D. A escrita e o ofício da história no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná (1938-1948). *Revista Brasileira de História de Educação*, Maringá, v. 19, p.1-24. 2019. p. 13.
- ^{xliv} Segundo Mendonça (1989), até a década de cinquenta do século XX, a Geografia Física caracterizou-se por estudos dos aspectos do quadro natural. Neste sentido, os seres humanos são entendidos enquanto produtores de ações transformadoras do quadro natural, influenciando e sendo influenciado por ele.
- ^{xlv} MELLO, 2002, p. 142.
- ^{xlvi} GUIMARÃES, Odah. Reinhard Maack e o espaço ecológico do estado do Paraná. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, v. XLVI, 1989, p.55-72.
- ^{xlvii} BALHANA, 1958, p. 22.
- ^{xlviii} Idem, p.27.
- ^{xlix} Foi o historiador Jaime Cortesão que enunciou a tese considerando o Paraná como zona tipicamente de trânsito, em seu curso de extensão universitária sobre “Fundamentos históricos do Paraná”, realizado na FFCL-UP. WESTPHALEN, Cecília Maria. Paraná — Zona de Trânsito. In: *Boletim do IHGEP*, v. VII, fasc. 3-4, 1958, p. 45.
- ^l BALHANA, 1958, p. 24.
- ^{li} BENTHIEN, R. Sobre ensino e pesquisa. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 41, n. 86, 2021.
- ^{lii} BALHANA, 1958.

